

Governo federal fica indiferente à tragédia

Cláudia Valente
Da equipe do Correio

Pela 32ª vez, a tragédia da hemodiálise de Caruaru faz uma vítima sem que o governo federal demonstre interesse pela situação. Ontem, foi a vez de o aposentado João de Almeida morrer, aumentando a impressionante série de vítimas da contaminação do material usado no tratamento de hemodiálise do Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru, onde 126 pacientes contraíram hepatite tóxica em sessões de hemodiálise.

Apesar das mortes, até agora o ministro da Saúde, Adib Jatene, sequer visitou a clínica onde aconteceram os problemas. O presidente Fernando Henrique Cardoso não mandou nem um telegrama de pêsames para os parentes dos mortos. Pior: na última quinta-feira, preferiu inaugurar o açude de Serrinha, no município de Serra Talhada, a 250 quilômetros de Caruaru.

No estado, o descaso não é muito diferente. O governador Miguel Arraes deixou o problema na mão da Secretaria Estadual de Saúde. E só. Também não encontrou tempo para ver as vítimas da maior tragédia da história da medicina do seu estado e possivelmente do país.

Só as autoridades locais tiveram coragem de investigar o caso *in loco*, mas, no máximo, enviaram técnicos das suas equipes.

Atenção — Nos casos do cério 137, em Goiânia, que contaminou 56 pessoas, da chacina de Vigário Geral, com 21 vítimas no Rio de Janeiro, e do Carandiru, em São Paulo, onde a polícia matou 111 presos, houve mais acompanhamento das autoridades na apuração de responsabilidades. E os resultados apareceram.

O caso do cério mereceu atenção especial do então presidente da República, José Sarney, que enviou ao Congresso projeto de lei determinando responsabilidade sobre a guarda de lixo atômico.

Maurício Corrêa, ministro da Justiça em 1992, acompanhou pessoalmente o caso do massacre na Casa de Detenção, por ordem direta do então presidente Itamar Franco.

No Rio, Vigário Geral chamou despertou reações internacionais, mas a história da hemodiálise ainda não chocou o suficiente. Mesmo sendo uma tragédia que parece não ter prazo para terminar.

Carlos Moura 28.04.96



Pálido, sem enxergar e com o corpo inchado, João Almeida viveu seus últimos dias sem tomar conhecimento do que se passava à sua volta, vítima da intoxicação provocada pela hemodiálise